

# Desconstruindo Piqueira.

por João Varella e Thiago Blumenthal

“A pergunta que Gustavo Piqueira mais ouve é “isso aqui saiu errado, não?”. Pode ser a capa, o projeto, o tema, a referência invertida. E não, não saiu errado, é metade de um jeito, metade do outro, costuma responder.

Harry Block, um dos personagens mais legais de Woody Allen, de seu filme de 1997, também teve que lidar com questionamentos parecidos, como quando recebe a homenagem na universidade onde (não) se formou. E unir todos os seus personagens e todas as referências cruzadas de suas histórias foi a solução para se safar daquela situação desagradável, onde jovens estudantes e acadêmicos parecem não entender qual é o seu estilo.

Autor de alguns livros, com temas dos mais variados, Piqueira lançou seu **Iconografia Paulistana**, sobre o qual já falamos aqui, no fim do ano passado e fomos conversar com ele na Casa Rex, seu estúdio de design.

Inevitavelmente, ao nos apresentar a estante com seus livros já publicados, o assunto não poderia começar de outra maneira: a polêmica capa da biografia de Marlon Brando. Teve gente que não se ligou que era o James Dean na capa, teve gente que se ligou, achou curioso, leu as primeiras páginas, gostou, comprou e virou fã da história de Marlon Brando Dias Fuzetti. Mas teve gente que não pegou o espírito da coisa, como dizem por aí. Saiu fuzilando, que onde já se viu uma editora cometer um erro tão básico, que é o de confundir dois “monstros da cinematografia mundial”? Ainda mais na capa! Isso aqui saiu errado, não?

“Teve gente no Twitter que achou até que pudesse ser estratégia de marketing”, lembra Piqueira, sem se importar muito com o fato de não terem entendido o propósito ali. O autor, claro, gostaria que as pessoas na livraria parassem na frente do livro, olhassem e pensassem “opa, tem alguma coisa aí”, mas não dá pra exigir demais. Os leitores, em geral, são cruéis em seus julgamentos e não têm tempo ou vontade de pensar nas possibilidades da linguagem, seja ela visual ou não.

## **Trilhos Urbanos: Desde quando você tinha esse projeto, de fazer um livro nesta linha?**

Gustavo Piqueira: Desde o Marlon Brando, fiquei um bom tempo sem escrever nada. E a primeira ideia do Iconografia veio de querer fazer um livro não tradicional, mas sem nenhuma pirueta do design. Isso foi em 2010. O que eu queria era misturar de algum jeito.

A ideia de pegar São Paulo veio porque a cidade começou a ficar na moda. Antigamente os estrangeiros vinham pro Brasil e falavam do Rio, mas hoje é “eu amo São Paulo, amo amo amo”, meio empolgado. E este então era o momento certo. Porque São Paulo não tem nada assim de tão especial.

Eu sempre conto a história de um trólebus que passava por Perdizes, centro, Higienópolis. Sempre passou esse ônibus, até que um dia a prefeitura teve a brilhante ideia de colocar um adesivo “eco-frota” há uns dois anos. Só porque é elétrico. E isso é da tralha esquecida da cidade e vira um eco-frota.

O negócio de gastronomia, outro exemplo. A quantidade de chefs de cozinha, homens e mulheres, gatos é incrível. E isso é demograficamente impossível! Mas é assim que São Paulo é vendida.

São Paulo não é isso. Não é um desastre, mas não é tudo isso. Historicamente a cidade já tem isso do novo rico, tentando tirar o complexo [de inferioridade] com o Rio de Janeiro. E parece que agora acabou, São Paulo chegou lá.

**T.U.: E houve algum caso da ironia do seu livro não ter sido captada de algum modo?**

Piqueira: Ah, sempre tem né. Não é todo mundo que entende. Tem gente que acha que essa é uma coletânea de prédios com nomes engraçados e só. Mas não dá mesmo pra esperar que as pessoas peguem tudo.

Cheguei, em um momento, a pensar em fazer um livro mais fácil. Mas não posso me permitir isso, o que eu gosto é escrever por prazer. No caso do Iconografia, eu já esperava um pouco. Então tentei tirar sarro não só de um tipo de esfera social. E as pessoas “cultas” ou “sofisticadas” tendem a rir mais quando não estão rindo delas, claro. Pra você ver, o capítulo dos bufês [com fachadas bizarras de bufês em São Paulo], há muitas referências ali que as pessoas não entendem nada. E olha que nem é muito difícil. Mas, depois do Marlon Brando, nem espero mais que as pessoas saibam quem foi Desdêmona.

É claro que eu quero que as pessoas gostem do livro, mas eu não escrevo algo já fazendo pras pessoas gostarem. Programado. Não dá.

**T.U.: Como é que foi pra fazer as imagens? E a produção, a ordem do livro?**

Piqueira: O pessoal daqui [da Casa Rex] ajudou. A ideia de construção do livro foi assim: vou pegar alguns temas e vou me divertir com esses assuntos, sem ficar preso em nenhuma esfera, tipo “classe média” etc. Com os temas em mãos, que eu achava complementares, tentei procurar um sentido em todos eles. Com o caso do japonês [nomes de restaurantes japoneses em São Paulo], eu percebi que todos os nomes tentavam imitar palavras orientais. Ou botavam um nome com K ou algo assim. Vi que tinha um padrão ali.

Quando eu fechei, cada um teve um processo. Dos bufês e dos japoneses, por exemplo, fiquei um fim de semana inteiro na internet entrando nos sites deles, passava os endereços pro pessoal e eles iam fotografar. Ou seja, já era direcionado.

No de prédio, que é o que mais tem foto, eu dei uma andada, separei e listei alguns bairros desses mais verticalizados depois dos anos 1980. Montei um mapa, o pessoal fazia um tour, fotografava e eu selecionava depois no fim de semana em casa.

Da Paulista, eu não sabia direito. Peguei a máquina e fui andando, do começo até o fim dela. Ou seja, cada um tem um processo distinto. O da onça até tinha mais foto, mas não ficou legal. Ficou mais engraçado só com as duas ali.

Então foram duas etapas: primeiro levantar tudo, fotografar e selecionar. E depois, quando eu sentei pra escrever.

**T.U.: Teve algum tema que ficou de fora do livro?**

Piqueira: Festa de formatura, mas as imagens não formavam um conjunto nesse caso. Foi mais difícil ver algum sentido ali no todo.

**T.U.: E a questão das cinco mil imagens? Hipérbole, qual foi a intenção?**

Piqueira: Ah, isso é release. A primeira pessoa vem e pergunta: “quantas imagens você tirou” e eu chutei, bem por alto, “ah, umas cinco mil imagens”. E o cara publica e acaba virando release oficial porque todo mundo copia. Até que eu pensei em mudar: “vamos pra oito mil, agora vamos pra dez mil”.

**T.U.: Um capítulo que a gente acabou não mencionando: os logos de heavy metal. Como foi o levantamento?**

Piqueira: Os logos são todos reais. E começou com pesquisa de internet mesmo. E foi pra mexer um pouco com o pessoal deslumbrado, que fica procurando “a próxima tendência”. O povo que vê coisas horríveis e aposta naquilo, diz “que bacana”. Igual o povo que faz safari urbano.

Na verdade, o livro não quer tirar sarro de São Paulo. A ideia é que a gente tem que olhar as coisas como elas são. E acabar com isso de safari urbano.

**T.U.: Já pensaram em trazer esse livro pra outros meios? Pra web, contas no Instagram, algo colaborativo?**

Piqueira: Eu pensei um pouco nisso, mas não me animo tanto. O problema é o encaixe com os textos – tanto que teve gente que me mandou muitas imagens enquanto eu escrevia, mas não tive como usar. E eu preciso de texto, não quero que seja uma coleção de imagens. Preciso de uma narrativa, não dá pra soltar tudo. Sabe, não quero também ficar muito preso com essa história de São Paulo. Tenho medo de só ficar falando sobre São Paulo.

**T.U.: E a questão legal do livro? Tiveram problemas? Ainda mais vivendo em uma cidade que tem essa neurose, de você parar pra tirar foto na porta de um lugar e já chegar um segurança etc. Sem contar a questão dos donos dos estabelecimentos, dos restaurantes japoneses, por exemplo. Eles não se incomodaram de estar ali no livro? Vocês tiveram retorno?**

Piqueira: Olha, até agora nada. Ninguém falou nada. Eu pensei nisso, mas decidi não me preocupar. E acho que a editora nem pensou nisso também. Já pras fotos, eu pedi pro pessoal que tem cara de novo aqui na Casa Rex tirar, igual trabalho de faculdade. Tem uma menina aqui que tem cara de quem tem 15 anos, então isso aliviou também.

**T.U.: Muita coisa não não encaixou no livro, nessa narrativa, como você disse. Tem material para um segundo livro ou de fato prefere encerrar esse trabalho, esse projeto com o Iconografia?**

Piqueira: Daria pra fazer alguma coisa, claro. E é isso: São Paulo tem muita coisa, mas não tem muito olhar. E é isso que é legal.

Mas não sei se quero desdobrar esse livro. Tanto que a gente numerou todos os exemplares. Que a ideia é isso: não quero que isso tome a minha vida inteira, como disse pra vocês. Então, depois de vendidas as mil cópias, encerrou um projeto. E vamos pro próximo.”